

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Notas sobre Alister McGrath

Dom Sumio Takatsu

Alister McGrath (1953-) é Reitor de Wycliffe Hall, Preletor Pesquisador da Universidade de Oxford, na Inglaterra e autor de vários livros, que mostram uma amplitude muito grande de interesses teológicos, históricos, e culturais. Sua competência em história e teologia é elogiada por Rowan Williams no capítulo sobre a teologia da cruz de Lutero, em sua obra "Feridas do Conhecimento" como o mais competente especialista na teologia de Lutero, na Inglaterra de hoje. Há indicações de que MacGrath se especializou na história e teologia da Reforma. Por outro lado, o seu interesse inclui o diálogo entre Ciência e Religião. Ele é considerado evangélico na Igreja da Inglaterra, mas há sinal de que ele não é "partidário". Talvez seja ele "liberal", no sentido de estar aberto às outras posições teológicas, segundo a citação que ele faz de John Macquarrie, na seção sobre o protestantismo liberal. Suas obras são muito lidas esgotando-se rapidamente e merecendo conseqüentes edições revisadas e várias reimpressões.

Suas principais obras são:

Teologia Cristã: Introdução

Leitura da Teologia Cristã

Literatura cristã: antologia

Pensamento da Reforma

Espiritualidade Cristã

Fundamentos para o Diálogo na Ciência e Religião

Ciência e Religião

Teologia Histórica

Introdução ao Cristianismo

A Vida de João Calvino

Teologia da Cruz de Lutero

Iustitia Dei: história da doutrina cristã da Justificação

ALISTER MCGRATH – TEOLOGIA CRISTÃ: INTRODUÇÃO

A presente tradução do Liberalismo Protestante e de outros tópicos é extraída da Parte I: períodos, temas e pessoas (autores) da teologia cristã.

Para se ter uma visão rápida desses marcos –

Período patrístico (100-451 Calcedônia)

Esclarecimento do termo e principais teólogos

Principais desenvolvimentos teológicos

Idade Média e Renascença (1050-1500) e segue o mesmo padrão na sua exposição

Teologia Bizantina

Reforma e Pós-Reforma (1500-1750)

Segue o mesmo padrão e inclui o tipo de literatura que ela produziu e o movimento pós-reforma

Período moderno (1700- até o presente)

Iluminismo e o protestantismo

Crítica do iluminismo à teologia: geral e questões específicas

Movimentos teológicos desde o iluminismo: Romantismo, marxismo, protestantismo liberal, modernismo, neo-ortodoxia, catolicismo romano, ortodoxia oriental, feminismo, pós-modernismo, teologia da libertação, teologia negra, pós-liberalismo, evangelicalismo, movimentos pentecostais e carismáticos, teologias do mundo em desenvolvimento. A partir daí, ele começa a exposição de como se faz a teologia (fontes, métodos e tópicos da teologia sistemática) levando em consideração os principais movimentos antes apresentados ou a serem apresentados. (São, ao todo, 616 páginas de 17cmX 24)

Período moderno (pp.87-104) – Um resumo:

De 1700 em diante a teologia se deslocou do contexto europeu para se tornar um fenômeno global. Vários estágios podem ser discernidos nesse desenvolvimento. Primeiro, a colonização da América pelos europeus ocidentais, especialmente, os escandinavos, alemães e ingleses que estabeleceram várias escolas teológicas: luterana, reformada e anabatista, no contexto americano. Analisa também Jonathan Edwards(1703-58) e o Grande Reavivamento (1726-45). Mais tarde, os católicos romanos da Irlanda, da Itália levaram a teologia de sua Igreja para ter um lugar significativo. O impacto enorme das missões cristãs na Australásia, Índia, Oriente Próximo fundaram escolas e universidades onde a teologia se disseminou e, gradualmente, as teologias adquiriram seu colorido local. Cada vez mais o "eurocentrismo" das teologias tornou-se objeto de crítica. Na América Latina aparece uma crescente reação contra o catolicismo romano importado. Afirma que a Teologia da Libertação com sua característica ênfase sobre a importância da práxis, a priorização da situação do pobre e orientação da teologia para a libertação política tem beneficiado os evangélicos e carismáticos.

A feição mais dominante da teologia ocidental durante o período moderno é a hegemonia intelectual da teologia na língua alemã. No período da Reforma, Lutero e Zuínglio influenciaram poderosamente a teologia. No período moderno, Karl Barth, R. Bultmann, W. Pannenberg, J. Moltmann, Karl Rahner e P. Tillich. Observa que recentemente, não surgiram teólogos alemães que substituíssem esses gigantes. Está crescendo persistentemente, teólogos de fala inglesa.

A idéia da modernidade como qualquer outro termo usado em seu livro é difícil de ser definida. Que caracteriza o período moderno? Quando começou? Acabou? Num sentido, o moderno pode ser entendido como o mais recente, então, não tem sentido falar no fim do período moderno. No entanto, para muitos historiadores, a modernidade se refere a uma visão muito definida, típica de muito do pensamento ocidental, desde o século XVIII - que caracteriza a capacidade humana de pensar por si só. Talvez se encontre a atitude clássica dessa expressão no Iluminismo com sua ênfase na competência da razão para dar sentido ao mundo, inclusive aspectos daquele mundo tradicionalmente reservados aos teólogos.

O período moderno é de enorme importância para teologia do século XIX e XX, pois estabelece o contexto no qual muitos desenvolvimentos e debates são situados e causou muitos movimentos que continuam presentes na Igreja e nas academias de hoje.

Iluminismo

O termo iluminismo passou a ter circulação geral só nos fins do século XIX.. Em alemão é literalmente "esclarecimento", e, em francês, "luzes". Iluminismo é um termo vago que desafia uma definição clara, abraça camadas de idéias e atitudes características do período de 1720-80, tal como o uso livre e construtivo da razão para demolir os mitos antigos, que prendiam os indivíduos e as sociedades ao passado...

O termo "a idade da razão", muito usado como sinônimo do iluminismo é enganoso. Isso implicaria em dizer que a razão até então foi ignorada ou marginalizada. Mas a Idade Média, em certo sentido, também foi uma "idade de razão". A diferença crucial está na maneira como a razão foi usada e os limites impostos sobre a mesma. O Iluminismo não foi racional consistentemente em todo o seu aspecto. Havia movimentos anti-racionalistas. O autor cita o mesmerismo e o movimento maçônico. Contudo, a ênfase na capacidade da razão humana de penetrar nos mistérios do mundo é considerada corretamente como uma característica definidora do Iluminismo.

Deve-se ter cautela no uso do termo "racionalismo" como sinônimo de Iluminismo. Em primeiro lugar deve-se observar que é usado com frequência de modo acrítico e inexato, para designar uma atmosfera geral de otimismo fundado numa crença no progresso científico e social que permeia muito dos escritos do período. Esse uso do termo é confuso e deve ser evitado. O racionalismo, em seu sentido próprio, seja, talvez, melhor definido como uma doutrina de que o mundo externo pode ser conhecido pela razão e só pela razão...

Iluminismo e o Protestantismo

Foi o protestantismo, e não o católico romano ou ortodoxo oriental, que esteve aberto para a influência de novas correntes de pensamento surgidas do Iluminismo e depois deste. Quatro fatores contribuíram para tanto.

a) relativa fraqueza das instituições eclesiásticas protestantes. A ausência de uma estrutura autoritária centralizada significou que as Igrejas protestantes nacionais ou locais eram capazes de responder às circunstâncias locais intelectuais e políticas com maior liberdade do que seus colegas católicos romanos. Semelhantemente, pensadores protestantes experimentaram um grau de liberdade acadêmica negado aos seus colegas católicos romanos até mais recentemente. O espírito de liberdade criativa que caracterizou o protestantismo expressou-se, assim, desde o começo, em criatividade teológica, e originalidade quase impossível aos outros.

b) A própria natureza do protestantismo. Embora continue debatida a "essência do protestantismo", existe a convergência de que o espírito de protesto é parte do patrimônio hereditário do movimento. A predisposição protestante de desafiar a autoridade religiosa e o compromisso com o princípio de que a "Igreja deve sempre ser a Igreja que se reforma" tem encorajado um espírito de investigação crítica dos dogmas cristãos. Essa atitude teve ressonância com os ideais do iluminismo levando a um alinhamento de muitos pensadores com o movimento e a disposição de absorver seus métodos e visões.

c) A relação do protestantismo com as universidades. Desde o começo o protestantismo reconheceu a importância do ensino superior na formação de seus ministros. A fundação da Academia de Genebra e a Escola de Harvard são exemplos óbvios. Durante o fim do século XVI e o início do século seguinte, as Igrejas luteranas e reformadas na Alemanha estabeleceram faculdades de teologia em nível universitário como um meio de assegurar o suprimento constante de um clero bem formado. Durante o século XVIII o

protesto político foi amplamente sufocado na Alemanha, e o único meio pelo qual o radicalismo podia se expressar era o intelectual. Assim, as universidades alemãs tornaram-se centros de revolta contra o Regime Antigo. Como conseqüência, os teólogos das universidades tenderam a alinhar-se com o Iluminismo, enquanto a liderança eclesiástica mais conservadora mostrou mais ao lado do Velho Regime. O radicalismo foi possível expressar-se teologicamente, em nível de idéias. Embora aparentemente tenha sido incapaz de alcançar mudanças sociais, política e eclesiástica, o radicalismo foi capaz de escalar desafio significativo às idéias que embasavam as Igrejas. A teologia protestante foi significativamente influenciada pelos métodos do Iluminismo, enquanto a teologia católica não o foi.

d) Deve-se ressaltar que o iluminismo não foi um movimento cronologicamente uniforme. Embora forte na Europa central e ocidental por volta do século XVIII, não se pode afirmar que o Iluminismo tenha se estabelecido na Rússia ou em países da Europa meridional como Itália, Espanha e Grécia até por volta dos fins do século XIX e início do século XX. Esses países eram fortalezas do catolicismo romano e ortodoxo. Conseqüentemente, os teólogos de suas Igrejas não se sentiram debaixo da pressão iluminista para responder às forças intelectuais que eram de tal significação na região historicamente associada com o protestantismo.

Crítica iluminista da teologia cristã: visão geral (pp 91ss)

A crítica do iluminismo baseou-se no princípio da onicompetência da razão humana. Vários estágios no desenvolvimento dessa crença devem ser discernidos. Primeiro, argumentou-se que as crenças do cristianismo são racionais. Esse tipo de abordagem encontra-se na "*Razoabilidade do Cristianismo*" (1695) de John Locke e na escola de Wolff na Alemanha. O cristianismo é um suplemento racional da religião natural. A revelação divina ainda se mantinha.

Segundo, sendo racionais as idéias básicas do cristianismo poderiam ser derivadas da razão. Não seria necessário invocar a revelação divina. Essa idéia encontra-se em John Toland (1696) "*Cristianismo não é mistério*" e Mathew Tindal (1730) "*Cristianismo tão antigo quanto a Criação*", onde cristianismo é essencialmente uma re-publicação da religião da natureza. Não transcende à religião natural. A religião revelada é nada mais que reconfirmação do que se pode ser conhecido pela reflexão sobre a natureza.

Terceiro, a capacidade da razão de julgar a revelação foi afirmada. A razão crítica é onicompetente e supremamente capaz de julgar as crenças e práticas com vistas à eliminação de quaisquer

elementos irracionais e supersticiosos. S.H. Reimarus na Alemanha e filósofos na França colocaram firmemente a razão acima da revelação. O símbolo disso está na entronização da deusa da razão na catedral de Notre Dame, em Paris.

A atitude do Iluminismo para com a religião mostrou variações locais que refletiam as condições locais. Um dos fatores mais importantes é o Pietismo, conhecido na Inglaterra e nos Estados Unidos por metodismo. Esse movimento colocou muita ênfase nos aspectos experienciais da religião. Essa preocupação serviu para tornar o cristianismo relevante e acessível à situação experiencial das massas, contrastando-se nitidamente com a ortodoxia luterana, que foi considerada irrelevante. O Pietismo forjou um elo forte entre fé e experiência, fazendo do cristianismo uma matéria de coração bem como da mente.

Na Alemanha, o Pietismo se estabeleceu por volta do fim do século XVII, ao passo que, na Inglaterra, durante o século XVIII. O Iluminismo precedeu ao Pietismo na Inglaterra com o resultado de que os grandes reavivamentos evangélicos do século XVIII sufocaram significativamente a influência do racionalismo sobre a religião. Contudo, na Alemanha, o Iluminismo seguiu após o Pietismo e desenvolveu-se numa situação que foi moldada significativamente pela fé religiosa, mesmo que colocasse um desafio sério às formas e idéias recebidas dessa fé. (É interessante que o deísmo inglês começou a tornar-se influente na Alemanha mais ou menos quando o Pietismo se tornou influente na Inglaterra.) As forças intelectuais mais consideráveis na Alemanha estavam sendo dirigidas para dar nova forma (ao invés de rejeição e demolição) à fé cristã.

Todavia, na França, o cristianismo foi considerado amplamente opressivo e irrelevante, com a consequência de os escritores do iluminismo francês se referirem ao cristianismo como uma simples "filosofia", passando a advogar a rejeição total do cristianismo como um sistema de crença arcaico e desacreditado. Em seu *Tratado sobre a Tolerância* D. Diderot argumentava que o deísmo inglês se comprometia permitindo a religião sobreviver quando deveria ser erradicado totalmente.

[recomendação do tradutor – sobre o Pietismo, ver Dogmática Cristã, Carl E. Braaten e Robert W. Jenson (editores) vol 1, pp 56-52

Crítica iluminista da teologia cristã: questões específicas (pp 93ss)

Possibilidade de milagres
Noção da Revelação
Doutrina do pecado original

Problema do Mal
Identidade e significado de Jesus Cristo

Movimentos teológicos desde o Iluminismo (pp 96ss)

Romantismo

Marxismo

Protestantismo Liberal (101ss)

Protestantismo Liberal conforme Alister E. McGrath

O liberalismo protestante é inquestionavelmente um dos movimentos mais importantes que surgiram dentro do pensamento cristão moderno. Suas origens são complexas. Entretanto, é proveitoso pensar na sua origem, em resposta ao programa teológico encetado por F.D. Schleiermacher, especialmente, em relação à sua ênfase no "sentimento" religioso humano e na necessidade de relacionar a fé cristã com a situação humana. O protestantismo liberal clássico tem sua origem na Alemanha em meados do século XIX, em meio à crescente compreensão de que a fé cristã e sua teologia exigiam reconstrução, à luz do conhecimento moderno. Na Inglaterra, a recepção crescente à teoria da seleção natural de Darwin criou um clima, em que alguns elementos da teologia cristã tradicional pareciam cada vez mais inviáveis. Desde o seu começo, o liberalismo estava dedicado a criar uma ponte entre a fé cristã e o conhecimento moderno.

O programa do liberalismo exigia um grau muito considerável de flexibilidade em relação à teologia cristã tradicional. Seus expoentes argumentavam que a reconstrução da fé era essencial para o cristianismo permanecer como uma opção intelectual séria no mundo moderno. Por essa razão, eles exigiam, por um lado, um grau de liberdade em relação à herança doutrinal do cristianismo e, por outro lado, liberdade em relação aos métodos tradicionais de interpretação bíblica. Impunha-se que, onde os modos tradicionais de interpretar as Escrituras ou crenças tradicionais evidenciassem seu descrédito pela evolução do pensamento humano, estes fossem descartados ou reinterpretados para que fossem alinhados com o que, então, era conhecido acerca do mundo.

As implicações teológicas desta mudança de direção foram consideráveis. Um bom número de crenças cristãs veio a ser considerado como seriamente fora das normas da cultura moderna. Essas crenças foram tratadas de duas maneiras.

a) Abandonadas como se estivessem apoiadas sobre pressupostos obsoletos ou equivocados. Um exemplo disso foi o pecado original colocado na lista como leitura equivocada do Novo Testamento, à luz dos escritos do Agostinho, cujo juízo nesta matéria

foi contaminado devido ao seu envolvimento demasiado com uma seita fatalista (maniqueístas).

b) Foram reinterpretadas de modo mais apropriado ao espírito da época. Um número de doutrinas centrais relacionadas com a pessoa de Jesus Cristo pode ser incluído nesta categoria, inclusive sua divindade (reinterpretada como uma afirmação de Jesus que exemplifica qualidades que a humanidade poderia esperar imitar).

Ao lado deste processo de reinterpretação (que continuou no "movimento da história do dogma" de Harnack), pode-se observar uma nova preocupação para fundamentar a fé cristã no mundo da humanidade – acima de tudo, na experiência humana e na cultura moderna. Percebendo as dificuldades potenciais em fundamentá-la num apelo exclusivo à Bíblia ou a Jesus Cristo, o liberalismo procurou ancorar a fé numa experiência comum e interpretá-la de modo que tivesse sentido dentro do cosmovisão moderna.

O liberalismo foi inspirado por uma visão da humanidade em ascensão para novas áreas de progresso e prosperidade. A doutrina da evolução emprestou um novo ímpeto a essa crença, que foi nutrida com forte evidência da estabilidade cultural e progresso na Europa ocidental no fim do século XIX. A religião veio a ser percebida cada vez mais em relação às necessidades espirituais da humanidade moderna com sua orientação ética da sociedade. A dimensão vigorosamente ética do protestantismo liberal se evidencia especificamente nos escritos de Ritschl.

Para Ritschl, a idéia do Reino de Deus era de importância central. Porém, ele mostrou a tendência de conceber o Reino como um domínio estático de valores éticos, que daria embasamento ao desenvolvimento da sociedade alemã naquele momento da história. Ele argumentava que a história estava em processo de ser guiada por Deus para a perfeição. A civilização seria parte desse processo de evolução. No decorrer da história humana surgiram indivíduos reconhecidos como portadores de percepções especiais de Deus. Um deles foi Jesus. Seguindo seu exemplo e participando a sua vida interior os seres humanos são capazes de se desenvolver. O movimento demonstrou um otimismo enorme e ilimitado em relação às capacidade e potencialidade humanas. Argumentava-se que a religião e a cultura eram virtualmente idênticas. Os críticos posteriores do movimento conferiram-lhe o título de "protestantismo cultural", por causa de sua dependência pesada das normas culturais aceitas.

Muitos críticos do movimento, tais como Karl Barth na Europa, e Reinhold Niebuhr nos Estados Unidos, consideraram o protestantismo liberal fundamentado numa visão irremediavelmente

otimista da natureza humana. Eles acreditavam que essa visão foi destruída pela I Guerra Mundial e, por isso, o liberalismo carece de credibilidade cultural. Isso foi um juízo errôneo. Na melhor das hipóteses, o liberalismo pode ser considerado um movimento dedicado com grande paixão para a reformulação da fé cristã nas formas aceitáveis dentro da cultura contemporânea. O liberalismo continua se considerando uma mediação entre duas alternativas inaceitáveis: (1) mera reformulação da fé cristã tradicional (comumente denominada de "tradicionalismo" ou "fundamentalismo" pelos seus críticos liberais) e (2) rejeição total do cristianismo. Os escritores liberais têm-se dedicado com bastante paixão à busca de via média entre duas alternativas inflexíveis.

Talvez a apresentação mais desenvolvida e mais influente do protestantismo liberal se encontre nos escritos de Paul Tillich (1886-1965) que se notabilizou nos Estados Unidos nos fins da década de cinquenta e nos começos da década de sessenta, quase no fim de sua carreira, o qual tem sido considerado amplamente como o teólogo mais influente nos EUA depois de Jonathan Edwards. O programa teológico de Tillich pode ser resumido pelo termo "correlação". Pelo "método de correlação" Tillich entende que a tarefa da teologia contemporânea consiste em estabelecer uma conversação entre a cultura moderna e a fé cristã. Paul Tillich reagiu alarmado diante do programa teológico encetado por K.Barth, considerando-o uma tentativa errônea de abrir uma fissura entre a teologia e a cultura. Para Tillich, as questões existenciais ou questões últimas são lançadas e reveladas pela cultura humana. A filosofia, a literatura e as artes modernas criativas apontam para as questões que preocupam os seres humanos. Então, a teologia formula as respostas para essas questões e, por esse meio, correlaciona o Evangelho com a cultura moderna. O Evangelho deve se dirigir à cultura, e pode falar, só se as questões levantadas pela cultura de hoje forem ouvidas. Para David Tracy da Universidade de Chicago, a imagem do diálogo entre o Evangelho e a cultura é reguladora: o diálogo envolve correção mútua e enriquecimento do Evangelho e da cultura. Por conseguinte, existe uma relação estreita entre teologia e apologética, porque a tarefa da teologia é entendida como sendo a de interpretar a resposta cristã às necessidades humanas reveladas pela análise cultural.

Talvez o termo liberal seja provavelmente melhor interpretado quando aplicado a um teólogo na tradição de Schleiermacher e Tillich, preocupados com a reconstrução da fé em resposta à cultura moderna. Entretanto, deve-se observar que o termo liberal é amplamente considerado impreciso e confuso. O teólogo britânico, John Maquarrie faz uma observação sobre isso com sua característica concisão:

Que se quer dizer por teologia liberal? Se quiser dizer apenas que o teólogo, a quem se atribui liberal, tem abertura a outros pontos de vista, então teólogos liberais se encontram em todas escolas de pensamento. Porém, se o termo liberal se tornar um rótulo partidário, no geral vira a ser extremamente "iliberal".

Com efeito, um dos paradoxos mais curiosos da teologia recente é que alguns de seus representantes mais dogmáticos vindicam para si o título de liberal. O liberalismo, no sentido tradicional e respeitável do termo, carrega consigo o respeito para com os pontos de vista alheios e a abertura para os mesmos. Como tal, o liberal deve ser um elemento fundamental de qualquer ramo de teologia cristã (inclusive a neo-ortodoxia e evangelicalismo a ser estudados nos próximos capítulos). Entretanto, o termo chegou a ter um sentido desdobrado, levando consigo um reflexo colorido de suspeita, hostilidade ou impaciência para com as formulações tradicionais cristãs. Isso pode ser percebido claramente no uso popular do termo, que, muitas vezes, inclui idéias tais como a negação da ressurreição ou da singularidade de Jesus Cristo.

O liberalismo tem sido criticado em vários pontos, dos quais o que se segue os representa.

a) Tende a colocar muito peso sobre a noção de experiência religiosa universal. Entretanto, esta é uma noção vaga e mal-definida, incapaz de ser examinada e avaliada publicamente. Há, também, excelentes razões para sugerir que a "experiência" é formada pela interpretação muito mais do que o liberalismo permite.

BO O liberalismo é visto pelos seus críticos colocando uma grande ênfase sobre desenvolvimentos culturais com o resultado que aparece, muitas vezes, dirigido por uma agenda secular sem senso crítico.

CO Tem-se sugerido que o liberalismo mostra muita disposição para abandonar as doutrinas distintamente cristãs no seu esforço de se tornar aceitáveis à cultura contemporânea.

O liberalismo alcançou, provavelmente, o seu apogeu na América do Norte na década de 70 a 80. Embora continue manter sua presença eminente no Seminários e nas Faculdades de Religião, agora o liberalismo é amplamente considerado como uma força decrescente na teologia e na vida da Igreja em geral. A fraqueza do liberalismo têm sido seqüestrada pelos críticos dentro da escola pós-liberal. A mesma crítica pode ser dirigida contra o movimento conhecido vagamente como "modernismo".

Modernismo

O termo “modernista” foi usado pela primeira vez para se referir a uma escola de teólogos católicos romanos por volta do fim do século XIX que adotou atitudes críticas para com as doutrinas cristãs tradicionais, especialmente, na área de cristologia e soteriologia. O movimento promoveu uma atitude positiva para com a crítica bíblica radical e ressaltou a dimensão ética, ao invés da dimensão teológica e de fé. O modernismo pode ser considerado, de muitas maneiras, como uma tentativa pelos escritores dentro da Igreja Católica Romana de chegar a um acordo com a visão do Iluminismo, que era muito ignorada até aquele momento.

Entretanto, “modernismo” é um termo vago e não deve ser entendido como uma escola distinta de teologia, dedicada a certos métodos ou em dívida para com determinados mestres. É verdade que a maioria dos autores modernistas estava interessada em integrar o pensamento cristão dentro da mentalidade do Iluminismo, especialmente, dentro da nova compreensão da história e das ciências naturais, que estava, então, em ascendência. Igualmente, alguns se inspiraram nos escritos de M. Blondel (1861-1949) que afirmava que o supernatural é intrínseco à existência humana e H. Bergson (1859-1941), que ressaltava a importância da intuição sobre o intelecto. Entretanto, não existem elementos comuns entre os modernistas franceses, ingleses e americanos, nem entre o modernismo católico romano e protestante, para se permitir que se use o termo como designação rigorosa e definida de uma escola de pensamento teológico.

Entre os modernistas católicos romanos deve-se dar atenção especial a Alfred Loisy (1875-1940) e Gerge Tyrrell (1861 – 1909). Por volta de 1890 Loisy estabeleceu-se como crítico das visões tradicionais das narrativas bíblicas da criação e defendia que uma evolução doutrinal poderia ser discernida dentro da Escritura. Sua obra mais significativa, *O Evangelho e a Igreja*, apareceu em 1902. Esta importante obra foi uma resposta direta à visão de Harnack, em *Que é Cristianismo?* publicada dois anos antes. Harnack sugeriu haver uma descontinuidade radical entre Jesus e a Igreja e Loisy rejeitou essa idéia. No entanto, ele fez concessões importantes para a argumentação do Harnack sobre as origens do Cristianismo, inclusive a aceitação do papel e a validade da crítica bíblica na interpretação dos evangelhos. Em consequência disso, a obra foi colocada na lista de livros proibidos pelas autoridades da Igreja Católica Romana, em 1903.

O jesuíta britânico, G.Tyrrell, seguiu Loisy em sua crítica radical dos dogmas tradicionais católicos. Ele também concordou com a

crítica de Loisy contra a reconstrução histórica de Jesus por Harnack como sendo uma "reflexão da face do liberalismo protestante, no fundo do poço". O seu livro, *Cristianismo na Encruzilhada*, incluiu uma defesa de Loisy argumentando que a hostilidade das autoridades de sua Igreja contra a obra e seu autor dava uma impressão geral de que essa era uma defesa do liberalismo protestante contra as posições da Igreja Católica Romana e que o "modernismo é simplesmente um movimento de protesto".

Essa percepção pode, em parte, ser atribuída à crescente influência das atitudes do modernismo no protestantismo histórico. Na Inglaterra, a Associação dos Eclesianos (Churchmen's Union) foi fundada para a promoção do pensamento religioso liberal em 1898, e, em 1928, a sua denominação foi alterada para Associação dos Eclesianos Modernos. Entre os quais estavam associados com o movimento destaca-se, especialmente, Hasting Rashdall (1858-1924), cuja obra *Idéia da Expição na Teologia Crista* (1919) ilustra o princípio geral do modernismo inglês. Abeberando-se sem muita crítica de autores como Ritschl, Rashdall argumentou que a teoria da Expição de Pedro Abelardo (medieval) era mais aceitável ao pensamento moderno do que outras teorias tradicionais que apelavam para a teoria do sacrifício substitutivo. Esta teoria moral e exemplaridade da Expição que interpretou a morte de Cristo quase exclusivamente como a demonstração do amor de Deus teve um impacto considerável ao pensamento inglês e, especialmente anglicano das décadas de 20 e 30. Não obstante, os eventos da I Guerra Mundial e a ascensão do fascismo na Europa minaram a credibilidade do movimento. Não foi até 60 que o modernismo ou radicalismo tornou-se feição significativa do cristianismo inglês.

O surgimento do modernismo nos Estados Unidos seguiu um padrão semelhante. O crescimento do liberalismo protestante nos fins do século XIX e no começo do século XX foi percebido amplamente como um desafio direto às posições doutrinárias dos evangélicos mais conservadores. Newman Smith, em seu livro "*O Protestantismo que vai e o Catolicismo que está vindo*" (1908) argumentava que, sob vários pontos, o modernismo católico romano seria um bom mentor ao protestantismo americano, não menos na área da crítica do dogma e sua compreensão histórica. A situação tornou-se muito polarizada pelo surgimento do fundamentalismo, em resposta ao modernismo.

A I Guerra Mundial trouxe para o protestantismo um período de reflexão e auto-crítica intensificada pelo realismo radical social de, por exemplo, H.R.Niebuhr. Por volta dos anos 30, o modernismo pareceu ter perdido o seu ímpeto. H. Emerson Fosdick em 1935 dizia que era preciso ir para além do modernismo. Em *Teologia Realista* (1934) Walter Horton Marshall falou no dinamismo das forças liberais.

Porém, só no período pós-guerra que o movimento começou ter confiança em si e o seu apogeu foi no período da Guerra de Vietnã.

(Introdução à Teologia Cristã, 3ª Edição de 2001, pp 101-106)

Nota do tradutor: O termo liberal parece ser detestado entre os teólogos católicos romanos ou, pelo menos, não preferencial entre eles. O mesmo ocorre com o termo fundamentalista e tem preferência por tradicionalista e tradicionalismo. Concilium 241 de 1992-93 é dedicada ao Fundamentalismo. Hans Kung e Peter Hebblethwaite, jesuíta britânico, Moltmann e autores ortodoxos, judaicos e islâmicos analisaram o problema do fundamentalismo na sua própria tradição. Hebblethwaite, analisando o significado do fundamentalismo como uma atitude em face da crença religiosa, atitude caracterizada pela canonização de um texto antigo, pelo apego literal, e pela convicção de que só um pequeno resto há de salvar o mundo pela fidelidade à inspiração original, diz, "existem fundamentalistas católicos romanos". A diferença entre os fundamentalistas protestantes e católicos romanos está no texto sagrado. Para os romanos o texto sagrado é o texto combinado do Concílio de Trento (anti-protestante) e Vaticano I.(antimoderno). Diz ele, também, que, nos Estados Unidos, um grupinho se denominou de "autenticistas", e recusa-se a usar o termo fundamentalista por ter este a conotação protestante. É uma informação instrutiva no sentido de perceber as preferências por um título ou outro, quando há semelhança em atitude. Talvez seja uma questão de identidade, ou rigor científico?!